



DISSECANDO O FASCISMO

Fillipe Gomes de Souza Alves*
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
fillshev@hotmail.com

A cada dia é comum ver várias publicações novas sobre o fascismo. Muitas delas são meros relatos estereotipados para curiosos, ou seja, sem nenhum embasamento reflexivo para justificar os argumentos apresentados. Não obstante, é possível encontrar densas reflexões sobre o tema – que ainda hoje é motivo de fascínio – como é o caso da obra *A anatomia do fascismo*,¹ do historiador norte-americano Robert Paxton (especialista em França de Vichy e Europa da II Guerra Mundial). O livro, lançado recentemente pela editora Paz e Terra, é um ensaio carregado de anos de pesquisa do autor, visando a entender o funcionamento do fascismo. As análises de Paxton estão centradas nas ações dos líderes e do movimento em si, com conclusões de impacto ao final de cada um dos oito capítulos.

Na introdução, a origem fascista é explicada a partir de sua própria significação, sendo levada aos poucos para a sua conotação (de origem latina, *fasces*; significa feixe, autoridade e unidade do Estado) na Roma Antiga. A partir daí, o resgate da palavra é feito por revolucionários italianos ao final do século XIX. O termo justifica a eliminação da vaga noção que as pessoas têm dele. Percebe-se nitidamente a desconstrução da visão recheada de senso comum criada pela historiografia e pelas pessoas sobre o que vem a ser o fascismo. Um ponto chave da desmistificação é a não redução do regime à figura do líder. Mas também não se pode eliminar a imagem do representante, pois, afinal, ele pertence ao regime e às suas conquistas. A princípio, a estratégia é e deve ser moldada de forma que se associe o governo à vida do líder

* Graduando em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Ensino de Graduação (PIBEG) e integrante do Núcleo de Pesquisa em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC).

¹ PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

carismático. A imagem que os propagandistas do fascismo almejavam passar ao mundo (súditos, inimigos, aliados, elites) era a de que o poder da nação fosse monolítico. Eles obtiveram êxito nessa estratégia, que além de aumentar a autoridade do líder e o respeito por ele, alimentava o terror também que os Aliados da 2ª Guerra tinham por esses indivíduos e suas formas de governo.

Contudo, ao partir de uma análise mais profunda, percebe-se que esses ditadores (em qualquer tipo de regime) não podem e nem conseguem governar sozinhos. Eles possuíam colaboradores diversos, como o judiciário, a polícia, o exército, o serviço público e as poderosas elites conservadoras, as quais auxiliaram a chegada dos fascistas ao poder. Logo, a noção de poliocracia ganha respaldo. Uma das teorias que surgem a partir daí é a do *Estado Dual*² defendida por Ernst Fraenkel. Segundo ele, o fascismo é composto por dois estados: o normativo e o prerrogativo. O primeiro é constituído pelas autoridades legais e pelo serviço público tradicional, enquanto o segundo é formado pelas organizações paralelas do partido. Aos poucos, o prerrogativo engoliu o normativo e deu absoluta condição ao governo de passar por cima do processo legal e direitos individuais.

Até certo ponto essa idéia é rica, mas Paxton a substitui pela teoria do *Quadrilátero tenso* (parcialmente inspirada nas pesquisas de Franz Neumann). Essa teoria baseia-se na concepção de um regime quaternário, ou seja, composto e dividido entre a figura do líder, o Estado (exército, funcionários públicos e políticos), o Partido e a sociedade civil. As próprias funções administrativas e burocráticas se confundem entre os funcionários públicos, membros partidários e organizações paralelas (SS e SA). A alternativa tomada por esses indivíduos era executar várias funções dentro de um único cargo. No que diz respeito ao partido nazista, a tensão se dava especialmente com o Estado, na distribuição de cargos políticos em um governo que já possuía praticamente todas as suas cadeiras ocupadas. O líder também entrava diretamente nessas disputas internas e latente aos olhos do público. Quanto a este, devido ao amálgama “organizado” das instituições, não sabia em inúmeras circunstâncias a quem recorrer para solucionar suas dificuldades. As divergências são inevitáveis, porém nenhum elemento pode destruir o outro, já que, assim, o equilíbrio estaria quebrado.

A expressão “informidade dinâmica” é fundamental na proposição elaborada pelo autor e faz do capítulo V um elemento essencial do livro. Possui ligação direta com

² FRAENKEL, Ernst. *The Dual State*. Nova York: Oxford, 1941.

o modelo poliocrático. Ela é a sucessão cronológica dos estágios que dão ao regime o caráter fascista. O autor define a composição de cinco estágios que o caracterizam: a formação, o enraizamento, a chegada ao poder, o exercício do poder e o longo prazo.

A formação refere-se ao momento em que tudo começa. Mussolini iniciou em 1919, na cidade de Milão, com o grupo *Fasci Italiani di Combattimento*, ao declarar guerra ao Socialismo por este ter se oposto ao nacionalismo. Já do lado alemão, percebe-se que na metade austríaca da Monarquia Habsburgo, as pessoas de língua alemã começam a desprezar os tchecos e outras minorias que gradativamente ganham autonomia. Então, os ideais pangermânicos nacionalistas e misturados a elementos anti-semitas – estruturados no século XIX por Georg von Schönerer e Karl Lueger – conquistaram adeptos; os alemães passaram a ver os tchecos como rivais nacionais, ainda antes da Primeira Grande Guerra. Assim, o imaginário germânico dá um passo para o futuro da construção do III Reich.

Hitler, após a I Guerra Mundial, foi mandado pelo Serviço de Inteligência do Exército a investigar um determinado movimento nacionalista, constituído pelo Partido dos Trabalhadores Alemães (DAP – Deutsche Arbeiterpartei). O então cabo Adolf Hitler se interessou pelas idéias e, aos poucos, foi ganhando prestígio dentro do partido devido à sua boa e persuasiva oratória. Em 1920 mudou o nome do partido para Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães e depois se tornou seu líder.

Os traços do segundo estágio podem ser explicados pelo enraizamento. Este é o momento em que os partidos ganham membros faladores e truculentos de esquinas que tinham em seu discurso a fluidez e a eloquência. Ao entrar no pleito político eles tornaram-se oradores de tendência extremista, no combate à esquerda e às minorias étnicas. Com a fala racista e agressiva, aproveitando-se do contexto estabelecido antes da Primeira Guerra, os partidos fascistas conseguiram competir nivelados com outros já tradicionais. Na medida em que algumas alianças foram necessárias, os fascistas objetivaram o seu discurso, não deixando de lado a retórica anti-burguesa e desafiadora. Logo, as prioridades desses partidos ficaram cada vez mais claras na política concreta. Chega-se, então, ao terceiro estágio.

O autor é contra a idéia de que os fascistas chegaram ao poder através de atitudes heróicas. Ele mostra aos poucos que Mussolini e seus seguidores incendiaram casas, saquearam lojas, escritórios e residências de líderes e católicos socialistas, ocupando várias cidades, sendo muitas delas governadas pelos esquerdistas. Além do

mais, para Paxton, o episódio da *Marcha sobre Roma* foi um astuto blefe de Mussolini e de grande importância na conquista do poder na Itália.

Na Alemanha, ao final da República de Weimar, a política estava repleta de golpes e traições. O partido nazi utilizou, assim como os fascistas, de extrema violência no intuito de aprofundar a crise e tomar o poder.

Gradativamente, os argumentos do autor nos levam a uma conclusão elementar: os fascistas na Itália (Mussolini) e na Alemanha (Hitler) não atingiram o poder por meio de um golpe de Estado. Ambos foram convidados pelo regente em exercício do país da época em meio à crise aprofundada pelos próprios fascistas, ou seja, eles assumiram seus cargos no pleno exercício da legalidade constitucional. Logo, percebe-se que a violência *anterior* desses partidos levou à crise política e a *posterior* serviu para legitimar a ditadura.

Já o quarto estágio, exercício do poder, é baseado nos pontos tratados sobre o Estado Dual e o Quadrilátero Tenso. A atribuição demoníaca às políticas fascistas perde força na medida em que o poder é poliocrático. O líder é destituído de certas responsabilidades devido aos órgãos cooperadores do regime: a polícia, o judiciário, o exército, etc. Organizações assim ganham autonomia para exercerem certas funções as quais, em sua maioria, não chegam aos ouvidos do líder. Entretanto, essa autonomia (especialmente aquelas que pertenciam ao partido, como a SA e o RAS) levava a situações conflituosas partidárias. O *Führer* ou o *Duce* interferiam firmemente para manter a ordem e o privilégio do partido e do Estado, muitas vezes tomando medidas bruscas.

Um ponto favorável ao sucesso do nazismo e do fascismo foi o apoio da Justiça e da medicina. Na Alemanha, os juízes (os que não eram nazistas) eram conservadores e se aliaram à política nazista. Os médicos, por sua vez, cooperaram com seus experimentos e trabalhos exercidos em prol da seleção biológica da raça pura (eugenia). Já na Itália, os juízes tinham afinidade com o fascismo na sua política rígida de manutenção da ordem pública e da grandeza nacional.

O longo prazo estabelece duas posições: a radicalização e a entropia. A partir deste quinto estágio, as conclusões de que o fascismo deve realmente terminar em Auschwitz perdem seu valor. A radicalização, que seria o holocausto – extermínio em massa dos judeus –, não é o único caminho possível. A Itália de Mussolini não teve seu governo terminado em campos de concentração. O ditador hesitava entre as duas

opções, mas optou pela normalização. Ela acabou em uma desordem que fez da figura do *Duce* motivo de chacota. Ao observar o conceito de entropia, percebe-se bem o que houve na Itália. *Entropia* (vem do grego *εντροπία*, *entropía*) e refere-se à parte da energia que não foi aproveitada, ou seja, transformada em trabalho. Neste sentido, entende-se o fascismo italiano como um regime que perdeu o fôlego na reta final da II Guerra Mundial; aí nada restou ao movimento. Ele teve de “murchar”. Por outro lado, na Alemanha, a radicalização predominou na política, já que Hitler atrofiava cada vez mais o poder do Estado normativo e expandia o do prerrogativo.³ Mas é inegável a contribuição da população alemã para esta sucessão de fatos. Ela foi o que pode ser chamada de carrasco voluntário de Hitler, como sugere o título da obra de Daniel Goldhagen. A figura do ditador teve sua importância, mas seria negligente uma análise que tome apenas esse lado.

Não se encontrou, até os dias de hoje, uma declaração sequer, assinada pelo *Führer*, que legitimasse a execução em massa dos judeus. Talvez estes documentos tenham sido destruídos, mas nada se pode comprovar. Porém, é levado em conta todo o discurso elaborado por Hitler, assim como sua obra autobiográfica, *Mein Kampf*, na tentativa de responsabilizá-lo pela solução final. Aos ouvidos de qualquer indivíduo soa realmente um absurdo a possibilidade do ditador nazista não ter conhecimento sobre esses campos. A burocracia realizada para a identificação e transporte dos judeus não seria tão facilmente escondida. Mas ao entender o nazi-fascismo como um amálgama organizado, há condições para compreender as atitudes e os absurdos do governo hitlerista.

Contudo, a possibilidade de uma nova investida fascista em governos democráticos ganhou força após os conflitos e batalhas no Golfo Pérsico e no Leste Europeu, no início da década de 1990. Junto a isso, obtiveram notoriedade o movimento *skinhead* e alguns partidos remanescentes de extrema direita (“viúvos” do fascismo) também no Velho Continente. Tal fato era imprevisto após o fim da II Guerra Mundial, já que as ações nazistas fomentaram a repulsa das pessoas para com movimentos semelhantes. E, com as novas noções disseminadas pelo capitalismo, a descrença na guerra como instrumento político e o triunfo do consumismo individual serviram de “antídoto” à “doença” do fascismo.

³ Análise pautada sobre os conceitos de Estado Dual elaborados por Ernst Fraenkel.

Este movimento é até hoje polêmico, especialmente pelas suas atitudes muitas vezes incompreendidas e absurdas, apropriadas por pessoas que fazem da violência desenfreada e aleatória um elemento constituinte desta corrente política. Paxton cita acertadamente o caso dos *skinheads*: jovens de cabeças raspadas, tatuados com símbolos alternativos, de seitas e até mesmo suásticas, que nada mais fazem do que brigar, o que os torna apenas caso de polícia. São arruaceiros com discursos agressivos que não oferecem perigo à política como cargo institucional. Ou seja, em eleições democráticas eles não são nenhuma ameaça a ganhar o posto presidencial ou qualquer cargo no governo. Pois, é nítido o desprezo que a população tem por este tipo de grupo.

As alternativas dessa reascensão ainda são motivos de discussão, tanto entre os estudiosos do tema quanto entre os líderes partidários simpatizantes do fascismo. Mas para uma presumível ocupação política, os partidos de extrema-direita já investiram e continuam a investir em uma reestruturação, a qual começa na moderação da linguagem e abandono do simbolismo fascista clássico; conseqüentemente, eles parecerão “normais” aos olhos do público e das elites políticas, com chances de conquistar influências de destaque e atuar na política de qualquer nação. Além do mais, o neofascismo surgiria com elementos e símbolos específicos de cada movimento, não se dirigindo propriamente ao anti-semitismo. Cada nação escolheria seu inimigo interno, seja por atributos de “raça” (latinos, negros, índios, árabes) ou de religião (islâmicos, budistas, cristãos, ateus).

É preciso apenas fazer uma ressalva: seria um equívoco pensar que estas características preconceituosas resumem-se à essência fascista. O movimento é muito mais complexo que isto, por isso deve-se ter extremo cuidado na tentativa de classificar alguma atitude (principalmente violenta) como referência ao nazi-fascismo. Frequentemente, se vê na mídia insinuações como essas e que levam a uma banalização do termo, sintetizando o seu entendimento em uma única palavra: brutalidade.